

HISTÓRIAS
MIS
VOLUME 01

410

SUMÁRIO



9 DE MAIO DE 2009

ANGELA GUTIÉRREZ

SÂNZIO DE AZEVEDO

10



20 DE JANEIRO DE 2010

CHRISTIANO CÂMARA

MICHEL PLATINI FERNANDES

42



27 DE FEVEREIRO DE 2010

FLÁVIO SAMPAIO

ERNESTO GADELHA

72



2 DE DEZEMBRO DE 2009

GILMAR DE CARVALHO

OSWALD BARROSO

96

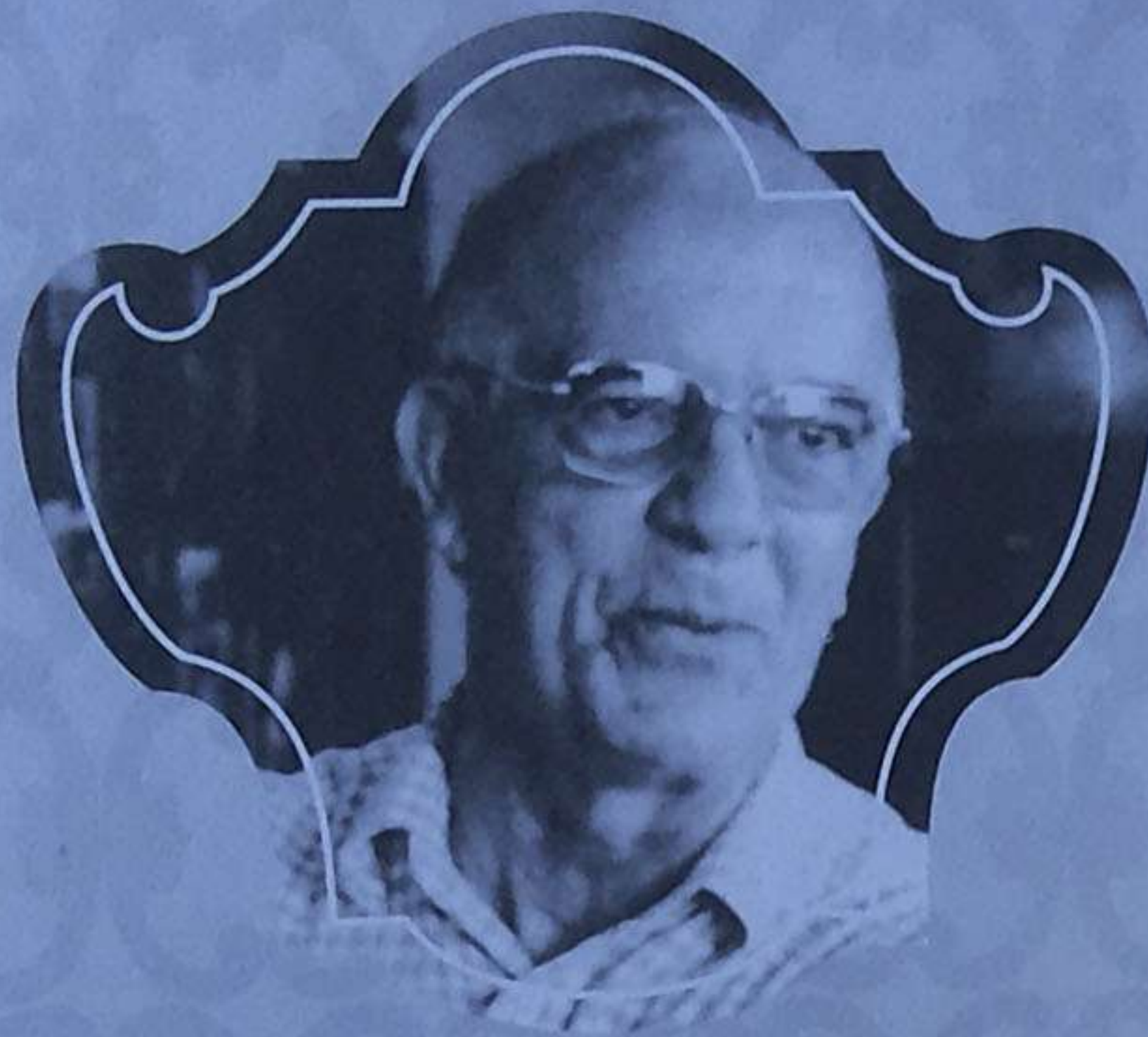


20 DE MARÇO DE 2010

RICARDO GUILHERME

MAGELA LIMA

120



ENTREVISTA

CHRISTIANO CÂMARA

20 DE JANEIRO DE 2010

Christiano Câmara (Fortaleza, 1935) é um colecionador/pesquisador de música popular brasileira, música erudita e cinema. Sua casa, situada no centro histórico de Fortaleza, possui uma coleção de aproximadamente vinte mil discos de cera (78 RPM), oito mil discos de vinil (45 RPM), oitocentas fotografias e reproduções gráficas emolduradas, seis estantes de livros e cinco mil fitas (em VHS) de filmes das décadas de 1930 a 1950. Desde a década de 1960 recebe pesquisadores e curiosos em sua casa, com o intuito de legar às próximas gerações as “verdades históricas” sobre a cultura ocidental da primeira metade do séc. XX.

Num canto da Sala Francisco Alves, o gramofone Victor de 1908. Noutro canto, um reproduzidor de discos a laser. Um amplificador Scott de 1952 à válvula torna mais original o som escutado na vitrola Gradiente. Já o subwoofer de 400 watts incrementa os graves na fruição da parte já digitalizada do acervo. A máquina de escrever Royal de 1926 ainda datilografa as seleções de músicas, as cartas e os textos para palestras enquanto o computador Athlon 2,6 gigahertz ainda é dominado aos poucos apenas para tarefas mecânicas como digitalizar as músicas e gravar CD's. O velho e o novo, o obsoleto e o moderno convivem na Casa de Cultura Christiano Câmara. Todos ainda cumprindo suas funções originais, à exceção do gramofone que já não toca mais.

A entrevista a seguir foi realizada em duas tardes de janeiro de 2010, na varanda arborizada de uma casa de 1919, que fica na Rua Baturité (antiga Rua da Escadinha), número 162. Como o leitor poderá perceber, conversamos sobre história, política, memória, música, cinema, televisão, jornal e a grande mídia, assuntos que circulam a órbita do pensamento de Câmara. Cada tema abordado ajuda a perceber um pouco do processo de seleção do que ele escolheu preservar para o futuro através das coleções da casa, doando assim o trabalho de uma vida inteira. Seu Christiano e Dona Douvina nos receberam com um cafezinho delicioso e com a alegria e disposição de sempre. A entrevista, em tom de conversa, aconteceu num espaço batizado com a placa “Cantinho dos Netos”. Para mim foi um prazer enorme poder ajudar a registrar mais uma vez a grandiosidade do trabalho deste casal em prol da preservação da cultura.

MICHEL PLATINI FERNANDES, MUSEÓLOGO

EM SUA RESIDÊNCIA,
CHRISTIANO CÂMARA
CONCEDE ENTREVISTA
AO MUSEU DA IMAGEM E
DO SOM DO CEARÁ, 2010.
ACERVO DO MIS/CE



Platini Fernandes - Uma pergunta meio difícil, o senhor tem alguma coisa na sua coleção que não é importante? Ou são só coisas importantes?

Christiano Câmara - Tem lixo demais, exatamente para poder mostrar.

Platini Fernandes - O que é, por exemplo?

Christiano Câmara - Ah não, assim especificamente, não...

Platini Fernandes - São músicas que não...

Christiano Câmara - Não, são músicas com letras infamérrimas e tudo mais.

Platini Fernandes - Se torna importante o senhor preservar, para mostrar que também se produz muito lixo, é isso?

Christiano Câmara - Não, não, é para mostrar a autenticidade. O latino ele vai ao extremo, ou o fulano é santo ou é bandido. Nem todo mundo é totalmente santo, nem todo mundo é totalmente bandido, não é? E então, isso está explicitado em música. Às vezes, o tema é amoroso e tudo o mais, mas nas entrelinhas ou na própria letra dá a entender

que está visando casar com aquela moça, porque o pai dela é bem-posto na vida, então o amor que é amor, que seja amor puro, sem interesse, é muito difícil.

Platini Fernandes - O senhor nasceu nessa casa aqui mesmo, não é isso?

Christiano Câmara - É, daí eu não ter morto a criança que eu fui um dia, os recantos onde eu me criei e tudo. Agora eu me sinto muito é violentado, em nome do progresso, mas que progresso? Progresso pro bolso de alguns comerciantes, porque nessa nossa sociedade argentária, confunde-se muito o progresso com o avanço tecnológico, mas o avanço tecnológico usado em função da obtenção de lucro, ele não é progresso. O progresso é quando o avanço tecnológico é usado para função social, para melhorar a vida da sociedade. Então, o avanço tecnológico só chega ao pé-de-chinelo depois dele dar o devido lucro ou ele dando o devido lucro às grandes empresas, às grandes indústrias. Por exemplo, o rádio, talvez você não saiba disso, mas havia reuniões de pessoas, pessoas se reuniam para ouvir o rádio na casa do milionário fulano de tal.

Platini Fernandes - Quer dizer, era uma tecnologia, mas que propiciava a coletividade, o encontro social? É nesse

CHRISTIANO CÂMARA NA
CASA DO AVÔ JOÃO CÂMARA,
PAI DE DOM HELDER
CÂMARA, NOS ANOS 30.
ACERVO PARTICULAR



sentido que o senhor falou?

Christiano Câmara - Não, não, é porque era ainda uma tecnologia incipiente e caríssima e só quem poderia ter era quem fosse “estribado”, a industrialização ainda não tinha atingido o ponto de proporcionar aquele acesso a todos e tal, era o lucro.

Platini Fernandes - O senhor tem memórias daqui, da sua rua, da vizinhança?

Christiano Câmara - Tenho, tenho. Outra coisa também, nesse nosso sistema argentário, o rico de berço, ele não precisa disso, ele vive no ambiente dele e tudo tem, quando quer ter outro ambiente ele simplesmente compra, mas o emergente, - Fortaleza é uma sociedade emergente -, o emergente vive eternamente se mudando. Mudando, melhorando de ganho, melhorando de vestimenta, melhorando de moradia. Como é que você vai conscientizar a necessidade de socialização desse povo que está passando por necessidade, se o que eles querem é ficar rico? Não é? É a célebre resposta do Marx para o Engels. O Engels financiava aquelas viagens do Marx para a biblioteca britânica e ele ia lá, foi lá estudar o capital e numa das cartas trocadas entre os dois, o Engels perguntou: “Mas afinal de contas, como pensa o operário

inglês?” O Marx respondeu numa simples linha: “Igual ao patrão”. Então isso aí, depois foi desdobrado em mil e uma coisas, no popular por exemplo, foi desdobrado; o único empregado que não quer ser patrão é o guia de cego, não é? Um carnavalesco, Joãozinho Trinta ou é quarenta, sei lá, ele disse: “Não, quem gosta de miséria é o rico, o pobre gosta de”, - é o intelectual -, “pobre gosta de riqueza”. É exatamente isso aí, rapaz, é a base do individualismo e desse anseio. Eu já fui muito criticado, porque não tenho essa ambição de ter isso tudo, eu tenho a ambição de ser. “Mas Christiano, você continua pensando do mesmo jeito, não é? O Christiano, vivendo no mesmo ambiente, rapaz...”, quer dizer, a rua é de pobre, então não posso, mesmo que a casa seja pobre e tal, eu não posso continuar morando aqui na rua de pobre?! Eu tenho que morar num apartamento, aquela coisa, numa rua que tenha nome, Barão de Studart, avenida não sei de quê! Mas Travessa Baturité?! Até o nome quiseram mudar, para Rua Baturité! Isso não é rua, isso é uma travessa rapaz, vai de lugar nenhum para lugar nenhum! E outro dia eu me encontrei com um desses emergentes, ele estava que parecia um papangu de quaresma, rapaz, todo enfeitado. Essas coisas todas refletem a maneira de ser. A maioria dos estudantes, vamos dizer, a maioria dos universitários, está a fim de aprender?

CHRISTIANO CÂMARA
NA CASA DO AVÔ JOÃO
CÂMARA, NOS ANOS 40.
ACERVO PARTICULAR



Não, estão a fim de tirar o título, para com aquilo ali ascender socialmente, você está entendendo? Porque você não deixa de aprender nunca, não é?

Platini Fernandes - Falando da sua relação com essa casa aqui, uma vez o senhor me disse que morava o seu avô ou o seu bisavô aqui no terreno onde hoje é o Mercado Público?

Christiano Câmara - É, exatamente, era o meu avô.

Platini Fernandes - Que o Mercado era o quintal, o quintal do seu avô? Quando foi construído o Mercado?

Christiano Câmara - Não, foi no quintal e onde é a casa também, porque toda casa tinha quintal. Daí ter-se acabado sapoti, manga, se não existe mais quintal para se plantar nada. Então, tinha esse quintal, que ainda hoje tem, que por sinal a prefeitura me indenizou, que foi uma maravilha, 10 metros do terreno a troco de nada, ia 20 e tantos e eu me apaguei com todos os amigos e não permitiram e tudo, está lá, 10 metros do meu terreno a partir do muro para fazer nada, impressionante! Aqui você tem que ter cuidado não é só com o larápio individual, não, você tem que ter cuidado é com o larápio oficial também. Por sinal, eu fui estudar tecnologia de larápio, é a coisa mais interessante do mundo! Você

sabe, na Roma antiga havia um escriba, sabido e a maioria das pessoas era analfabetas, então ele ia registrar as propriedades. Registrava, mas registrava uma parte para a pessoa e uma porcentagem para ele. Aí assinava em baixo: Lucius Antonius Rufus Appius, que era o nome dele. Ele assinava L. A. R. Appius, la-rá-pio, passou tristemente à história com isso aí.

Platini Fernandes - Eu queria que o senhor falasse um pouquinho pra gente sobre a sua experiência com rádio, o senhor gravou por muito tempo, aqui na sua casa, um programa de rádio?

Christiano Câmara - Ah, você diz rádio, eu fazendo programa de rádio.

Platini Fernandes - É, exatamente.

Christiano Câmara - É interessante o rádio, você vê, nessa época, o rádio já estava burocratizado.

Platini Fernandes - Foi nos anos 1980, que o senhor fazia esse programa, começou?

Christiano Câmara - Foi 1982, por aí assim.

OS IRMÃOS HELDER,
EDGAR E CHRISTIANO, NO
PASSEIO PÚBLICO, EM 1945.
ACERVO PARTICULAR



Platini Fernandes - Qual era a rádio, qual era a emissora?

Christiano Câmara - Rádio Cidade. Mandava o mesmo programa, só mudava o cabeçalho para a Rádio Cultura dos Inhamuns, aqui no interior e para Rádio Cultura de Brasília, cheguei a fazer 98 programas.

Platini Fernandes - E o programa era sobre o quê, qual era a temática?

Christiano Câmara - Era mais música popular, tinha também uma passagem pela música internacional, onde sempre antes de fazer a música rodar eu analisava a intenção, o que o autor queria dizer com aquilo.

Platini Fernandes - Uma análise da música, do período, contextualizava?

Christiano Câmara - A letra. Agora, tudo isso porque a música não dava dinheiro, aliás, dava dinheiro, mas para quem? Para as gravadoras. Quando começou a dar dinheiro para todo mundo aí o fulano não fazia mais, porque o compositor antigo, a maioria deles é tudo pé-de-chinelo, do povo. Por exemplo, o baiano Assis Valente, que radicou-se no Rio de Janeiro na década de 1930, ele era protético, você está enten-

dendo? E, no entanto, é o autor do hino de Natal do Brasil e é um autêntico cronista social.

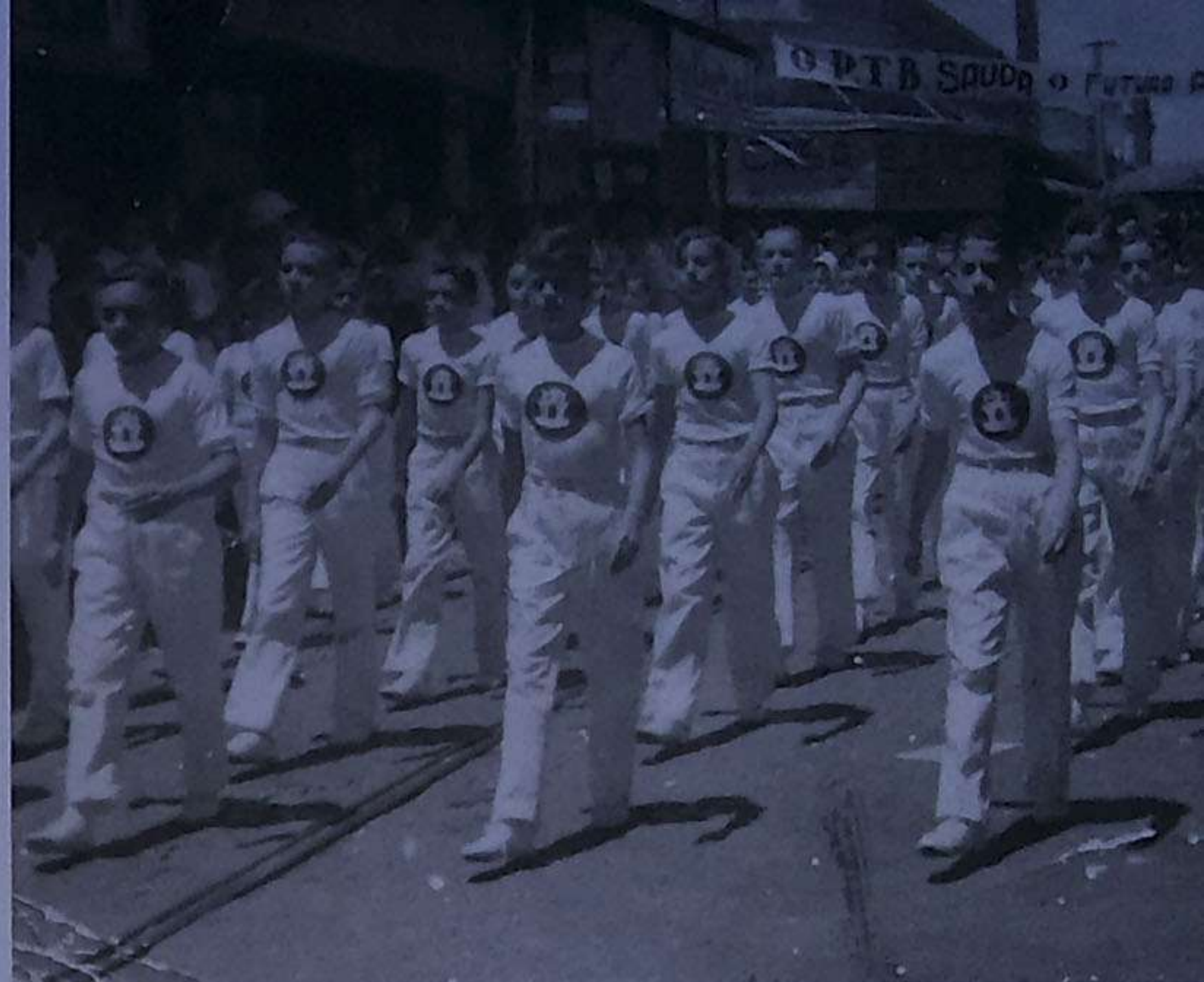
Platini Fernandes - É aquela “Todo mundo quer ser filho de papai Noel”, é essa?

Christiano Câmara - É. Se bem que ele pôs todo o pessimismo, agora o que eu noto também é que por aí você vê como a música vinha das camadas inferiores, quase sempre a música estava almejando alguma coisa, como o povo ainda hoje almeja, daí a autenticidade dela, daí a atualidade dela.

Platini Fernandes - A música popular realmente feita por compositores do povo.

Christiano Câmara - É, e com os anseios do povo, não fora só ele que punha isso aí, teve um outro falando numa marchinha que ia dar o endereço dele pro Papai Noel, “Moro na rua da saudade, longe da felicidade, será fácil me achar”. Agora esse aí é muito cheio de auto pieguismo, dá autenticidade por isso, porque o problema que o compositor pouco estava se lixando para que fulano, cicrano ou beltrano entendesse a música dele e tal, ele cantava o seu drama, mas acontece que o seu drama próprio, os seus anseios próprios, se identificavam com os anseios de milhões de brasileiros.

CHRISTIANO CÂMARA,
PRIMEIRO DA FILA DO
MEIO, NO DESFILE DE 7 DE
SETEMBRO, DO COLÉGIO
CASTELO, EM 1950.
ACERVO PARTICULAR



Platini Fernandes - Representavam toda uma classe social.

Christiano Câmara - É porque ele pertencia a ela. Daí a diferença que eu sempre costumo fazer da figura do pedreiro, o Chico Buarque fez uma música muito interessante, o “Pedro Pedreiro”, e faz um trocadilho, pedreiro esperando trem, salário que não vem, e a mulher do Pedro esperando o filho que vai esperar também, ele leva não sei quantos minutos descrevendo, tentando descrever o pedreiro. Aí um pedreiro, em 1949, Wilson Batista, foi fazer uma música sobre um pedreiro e essa música ainda hoje é tocada. Por que? Porque ele descrevia um pedreiro, da maneira como o pedreiro é:

“Você conhece o pedreiro Waldemar?”

Não conhece?

Pois eu vou lhe apresentar

De madrugada toma o trem da Circular

Faz tanta casa e não tem casa pra morar

Leva marmitta embrulhada no jornal

Se tem almoço, nem sempre tem jantar

O Waldemar que é mestre no ofício

Constrói um edifício

E depois não pode entrar

Você conhece o pedreiro Waldemar?

Não conhece mas eu vou lhe apresentar

De madrugada toma o trem da Circular

Faz tanta casa e não tem casa pra morar”

Quer dizer, isso aí é o pedreiro brasileiro, tem outro desdobramento disso: “Tá vendo aquele edifício, moço? Ajudei a levantar... Hoje o homem criou asas e na maioria das casas eu também não posso entrar”. É a mesma coisa.

Platini Fernandes - Mas chegava a ter conflito, porque sempre tiveram ricos e pobres e a sociedade refletia isso, mas na música, isso acontecia também? Tinha música de elite, música de rico? Música de pobre...

Christiano Câmara - Ah, tinha, tinha...

Platini Fernandes - Que cada classe social gostava...

Christiano Câmara - Mas tinha músicas que o fulano fazia como se estivesse totalmente satisfeito com a vida, sabe? E romântico, super apaixonado e tal. O Carlos Galhardo, por exemplo, a primeira música que ele gravou, foi no ano

CHRISTIANO E A ESPOSA
DOUVINA, NA PRAÇA
CRISTO REDENTOR, EM
1962. ACERVO PARTICULAR



em que eu nasci, 1935, ele gravou a música de dois autores de classe média, acho que deviam estar bem, “Cortina de Veludo”. Rapaz, é um primor de alienação, pra época em que foi gravado:

“No apartamento azul,
Do nosso coração,
Há rosas de Istambul,
Em jarros do Japão

É um sonho oriental
De mágico esplendor,
Aurora boreal,
Na aurora desse amor

E uma cortina de veludo
Esconde a porta oval
Por onde um dia
Hás de entrar

E essa cortina há de se fechar
Sobre teu vulto quando
Ele a vier transpor

E não mais se abrirá
Meu amor”

Quer dizer o cabra está lá, todo apaixonado [a papagaia de estimação de Christiano dá uma gargalhada] - até a papagaia está me gozando -, porque tu está de barriga cheia, diabo!

Platini Fernandes - Então em essência, já existia desde essa época, a música para um consumo mais elitizado, refinado...

Christiano Câmara - Que era mínima. Eu tenho um irmão que se dá com uma pianista, tem bem 90 anos, em São Paulo e tal, então foi saber do repertório dela, era todinho do Galhardo, só aquelas coisas amenas. A primeira coisa que ela tocou foi exatamente “Cortina de Veludo”.

Platini Fernandes - O que não havia então era a música popular feita pela classe média?

Christiano Câmara - Não, mas espera lá, a classe média nessa época, era uma classe média proletarizada, eles divulgam uma idéia mentirosa, que a classe média se proletarizou, pelo contrário, a classe média se elitizou, não existia

praticamente classe média. A classe média, a diferença entre o pobretão, o pé-de-chinelo e o classe média, era a intelectualidade. Na rua onde morava um Noel Rosa, morava um outro, um outro fulaninho, pedreiro, vizinho a ele praticamente e não havia essa separação. Hoje não, hoje existe a rua do rico, a rua do pobre.

Platini Fernandes - O senhor já fala sobre música popular brasileira, música erudita, cinema, há um bom tempo o senhor escreveu no jornal, nos anos 70, não é?

Christiano Câmara - É, está tudo interligado, porque o anseio primário do ser humano é a sobrevivência. Depois vem os sentimentos mais refinados, o amor e tudo. Interessante como a música mostra isso claramente. No tempo que eu ia pesquisar essas coisas, eu fui cantar para um fulano morador de barraco, uma música que era até da Dalva de Oliveira:

*“Lembra-te, agora, que não é,
Só casa e comida
Que prende por toda a vida
O coração de uma mulher.
As jóias que me davas*

*Não tinham nenhum valor
O mais caro me negavas
Que era todo o teu amor,
Mas, se existe ainda
Quem queira me condenar,
Que venha logo
A primeira pedra
Me atirar”*

Quando eu cheguei nessa parte de “não é só casa e comida, que prende por toda vida”, a pessoa disse: “Casa e comida? É tudo! É sinal de amor!”. Você viu aí?! O classe média de barriga cheia já está com tudo, já está lá em cima, o outro quer ao menos botar alguma coisa no estômago. Coitado, ele nem tem tempo de analisar, só tem tempo de pensar na comida que vai botar no estômago! Há uns tempos atrás, surgiram aqui dois irmãos que quiseram assaltar um banco e foram mortos pela polícia. Agora o pior foi publicarem o resultado da autópsia, no estômago deles tinha um restinho de farinha de cada um, que eles tinham comido há dois dias atrás.

Douvina Câmara - E alguma coisa de álcool...

Christiano Câmara - Sim, álcool tinha que ter, para ter o impulso e tudo o mais, mas, rapaz, não se iluda. Tudo está em função da perpetuação do *status quo*, está entendendo? Os meios de divulgação, os livros, o rádio, televisão, tudo, tudo, tudo. Então, eles vendem a idéia de que, de tempos em tempos o satanás, o ferrabrás, o caifás e outros mais, eles abrem os pesados portões de bronze do inferno e deixam que milhares e milhares de almas penadas venham habitar o mundo para nos atormentar. Que são os marginais e tudo. Por isso que outro dia um jornalista ficou horrorizado: "Câmara, e os marginais?" "Marginal é meu irmão que não deu certo. Eu não sou um marginal, porque nunca me faltou nada, rapaz!" É por isso que eu gostei uma vez do sermão do Padre Hélio, aqui do Pirambu, ficou famoso um sermão que ele fez: "Vocês, aqui do Pirambu, nascem na miséria, vivem na miséria, praticando miséria e quando morrerem querem ir pro céu? Vocês vão é pro inferno!" Oh, padre grosso do diabo, rapaz! Aí botaram o busto do Padre Hélio lá no Pirambu, um dia, dois dias, três dias, a polícia sempre vigiando, no dia que deixaram de vigiar, com menos de uma semana decapitaram! A cabeça dele apareceu no chão, vocês já ouviram falar nisso?! Negócio impressionante, rapaz! Você ser moralista por cima da carne seca é muito bom. É por isso que eu digo, se o mar-

ginal me deixar falar, ele não vai fazer nada comigo, o diabo é que ele não me deixa falar, ele vem me assaltar pelo meu aspecto. Já pensou se eu pegar um marginal aqui dentro? Aqui é tudo objeto de cultura, o que o sujeito ainda pode vender é um vídeo cassete bem ali, um DVD, televisão é pesada demais e se levar faz até um favor, porque eu vou passar uns dias sem ver essa "fábrica de doido", mas não vai nem deixar eu falar. O Collor achou de congelar a poupança e o que eu ganho mal dá para eu viver, porque quer dizer, o camarada que está poupando, é porque está sobrando.

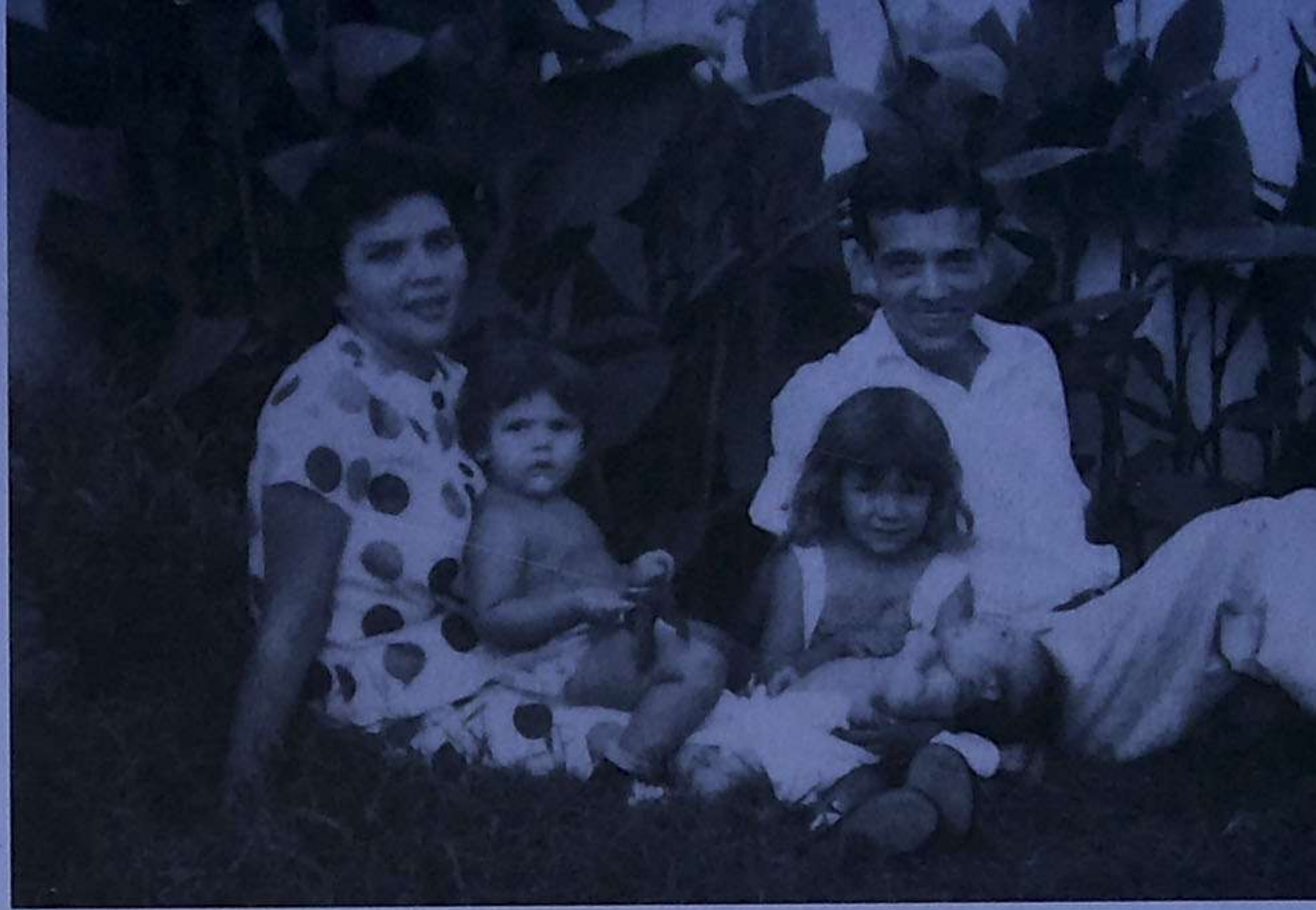
Platini Fernandes - É que na verdade não atingiu a maioria.

Christiano Câmara - Não, claro que não, eu próprio nem imaginei o que é poupança, tenho sempre o que fazer com o dinheiro, você está entendendo? Por falar nisso, vou elogiar um político, eu posso?

Platini Fernandes - Pode ficar à vontade.

Christiano Câmara - Nesse tempo todo, faz uns 40 anos que eu sirvo a cidade, não teve um só dirigente, um só, que se lembrasse de mandar a menor ajuda, fosse o que fosse. Agora essa moça, Luizianne Lins, é que mandou uma ajuda,

CHRISTIANO E DOUVINA,
COM AS FILHAS IARA,
WANDA E ZULEICA, EM 1962.
ACERVO PARTICULAR



já mandou a metade e eu digo: “Oh, rapaz, mas que coisa rapaz, eu preciso desabafar isso aí”, pelo trabalho que eu faço e tudo, já pensou um negócio desses?

Platini Fernandes - 40 anos de trabalho e só agora...

Christiano Câmara - É, por isso que nós estamos pintando aí as coisas. Não vou longe, teve um desses prefeitos que era meu colega, ele atendia no balcão do banco, ele de um lado e eu do outro. Beleza, José de Moura Beleza. E o Beni? O Beni, meu colega lá do Liceu, inclusive como governador, vinha tomar café aqui comigo e tal, nunca falei coisa nenhuma: “Rapaz, você nunca me pediu”, e ele é cego?! E ele não está vendo o que eu preciso? Nunca falou coisa nenhuma. Deixa para lá, é a visão que se tem da coisa.

Platini Fernandes - Voltando aqui à época dos jornais, eu lembro que vi um artigo seu, o senhor escrevia sobre música popular, sobre música erudita, fazia umas críticas sobre alguns discos que eram lançados na época. Aí eu lembro de uma coletânea que o senhor fez, uma crítica pegando os dois discos, era o lançamento da Judy Garland e da Edith Piaf. Aí o senhor fazia uma crítica, juntava as duas, porque foram duas vidas muito atribuladas, cheias de tragédias, dra-

mas familiares e como é que eram esses artigos que o senhor fazia?

Christiano Câmara - Agora esses artigos eu tinha que ir devagarzinho, porque inclusive eu fui posto para fora, ou melhor, fui convidado para sair, quando assumiu uma moça: “Olha, o senhor precisa manear esse seu jeito de escrever, o senhor é muito crítico!” aí eu digo: “Você quer que eu deixe de ser eu, não é? Eu não posso deixar”.

Platini Fernandes - Tinha várias críticas que o senhor fazia que eram ácidos, que eram verdades, o senhor dizia mesmo. Isso incomodava?

Christiano Câmara - Mas acontece que os grandes não reclamavam e nesse dia devia ter algum amigo lá que leu, mas mesmo assim ainda consegui fazer.

Platini Fernandes - Numa crítica que o senhor escreveu sobre o Dick Farney, falando sobre o nome dele, chama Farnésio Dutra, não é?

Christiano Câmara - E o irmão, - quer dizer, o mal era de família -, o irmão também se chamava Cilênio Dutra e era o Cyll Farney, artistas de cinema e tal, quer dizer, todos tinham vergonha de ser brasileiro, é impressionante!

CHRISTIANO PROFERINDO
PALESTRA SOBRE MÚSICA NO
HOTEL SAN PEDRO, NOS ANOS
70. ACERVO PARTICULAR



Platini Fernandes - E tinha uma pressão, o pessoal se incomodava, chegava pro senhor e dizia?

Christiano Câmara - Era, reclamando, dizia: "Rapaz, maneira aí!" e isso fora certos cortes que: "Não, é a falta de espaço" e, por coincidência, deixaram de publicar a parte mais crítica. Não, mais tudo isso eu fiz para ficar em paz comigo mesmo. "Mas rapaz você nunca fez nada?" "Fiz! Fiz 99 programas de rádio, para a Rádio Cultura dos Inhamuns", mas os programas já estavam demorando a ir pro ar e eu digo: "Os homens já não estão gostando tanto", aí no nonagésimo nono eu parei. Aí tinha a Rádio Cultura de Brasília, foi uma beleza, tanto é que a colônia cearense de lá gostava demais. Mas assumiu lá um tal de Cristiano que era, ele era à direita de Gengis Khan. Quando ele viu o programa e o teor de crítica do programa, ele disse: "Não pode, de maneira nenhuma!". E eu tive a impressão que ele tirou por covardia, com medo que o pessoal me confundisse com ele. O Brasil é o país da hipocrisia, é o país do faz de conta, você quer Haiti maior do que o nosso sertão? Precisando de ajuda, de aviões de FAB, cheio de mantimento, diabo a quatro, aí você vê na televisão o quê? Uma coisa que revolta, rapaz! Eu quase quebro a minha televisão, Brasil mandando mantimentos, aviões de

FAB, oba que beleza, vem na certa para as regiões pobres aqui do Nordeste, não! Era para o Haiti. Pode um negócio desse?! Você pode tirar suas calças, ficar nu para vesti o outro?

Platini Fernandes - O senhor já foi convidado alguma vez para participar de algum cargo oficial?

Christiano Câmara - Não, nem serei, nunca. De maneira nenhuma, ultimamente nem de reunião. Agora eu me lembrei do tempo também que andavam mostrando os mutilados. Uma vizinha chegou morta de pena, aí eu disse: "Me diga uma coisa, seu carro está aí? É bem aqui vizinho, eu vou entrar no seu carro e vou lhe mostrar coisa pior do que aquilo ali. Vamos pro Pirambu". Isso é até um preceito bíblico, tem lá, no Sermão da Montanha: "Tire primeiro a trave do seu olho, então você poderá enxergar, para ver o defeito do outro". É impressionante! O povo que não tem nem o que comer, mandando alimento pro Haiti! Não, então não faça com o dinheiro do povo. "Não, o Cristiano não serve, não, Cristiano é muito polêmico!", é porque eu sou a consciência ambulante desse povo.

Platini Fernandes - Alguém já chegou a criticar, alguém já se incomodou com alguma coisa que o senhor disse,

algum debate no jornal, algo assim?

Christiano Câmara - Mas é claro. Teve uma até que: “Não é bem assim como o Câmara quer dizer”, aí o repórter veio com direito a tréplica e tudo, “Como é, Câmara, não é bem assim?” “De fato, ela tem razão. Não é bem daquele jeito não, é muito pior!” Aí o camarada desistiu logo, é um negócio impressionante, rapaz. Agora, eu vi que não se pode, não se vai resolver nunca, nem amenizar a fome do nosso povo. Você já viu como é um gabinete oficial de uma autoridade? É a coisa mais alienante do mundo, aliás o Padre Hélder tem um pensamento a esse respeito: “Você não pode ter mentalidade de jipe, num guidom de um Cadillac”. Como é que nós vamos exigir mentalidade, qual é o veículo mais pobre hoje em dia?

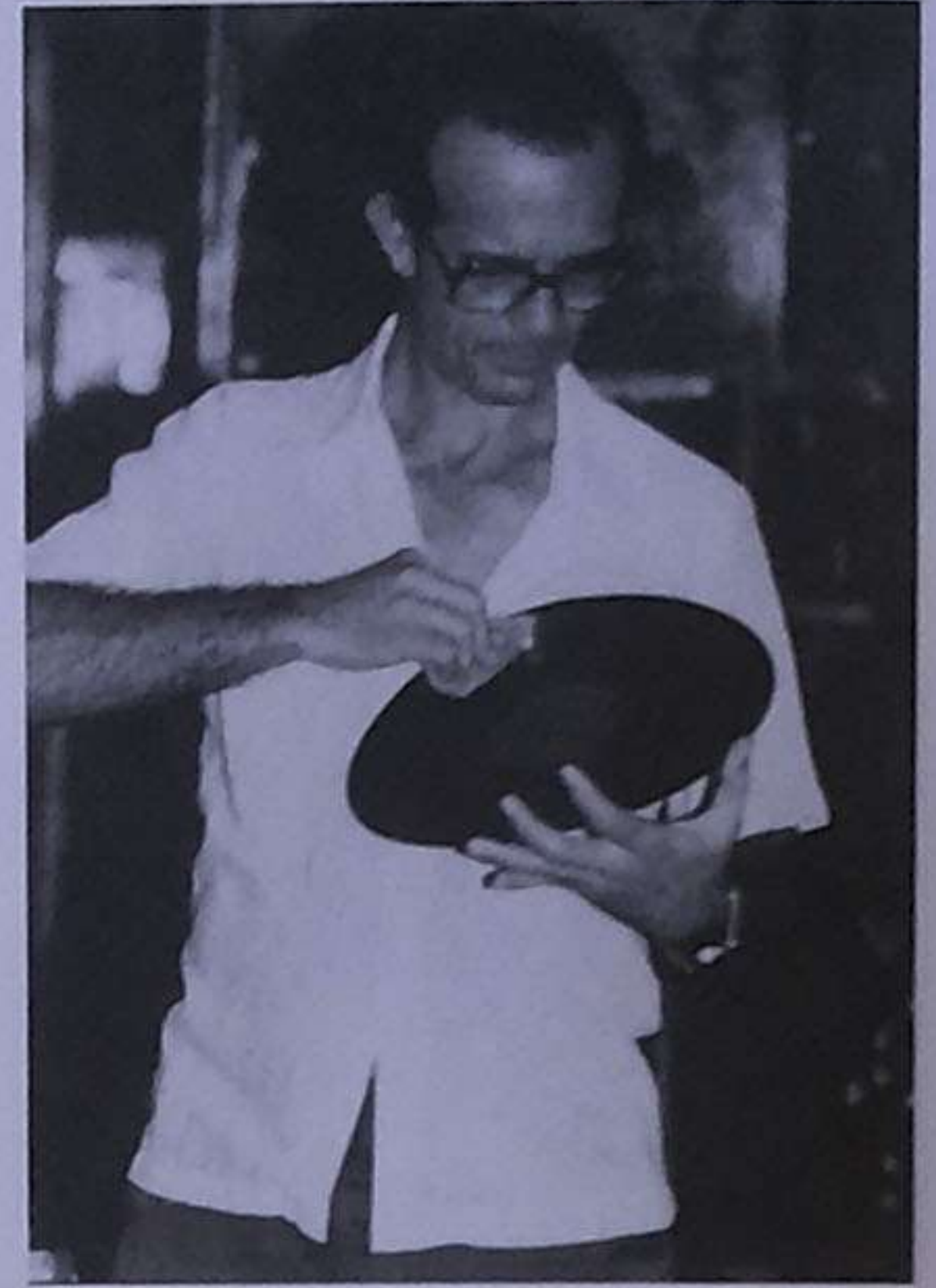
Platini Fernandes - É o fusquinha mesmo.

Christiano Câmara - Não, o fusca está uma fortuna, rapaz, tem um outro veículo aí. Chegou um aqui que era o encarregado da reunião anual da família Câmara, então, eu já tinha esse quadro aqui, ele chegou e disse: “Eu sou o encarregado da reunião da família Câmara” - ele estava falando era nos Câmara rotulado. E eu digo: “É da família Câmara? Qualquer Câmara? Mas, rapaz, é porque a família Câmara...” “Claro, qualquer Câmara...”, aí eu comecei a dar corda, ele

haja a se enforcar com a corda que eu estava dando. Aí deixei: “Porque você sabe, não é, a família Câmara é uma só”, e eu digo: “O senhor tem certeza que a família Câmara é uma só?” “Tenho” “Bom, eu vou, mas se o senhor deixar levar esse nosso parente”, [lendo a matéria de jornal]: “Recapturado assaltante de banco que fugiu do IPPS, o assaltante de banco Francisco Carlos Câmara...”. Rapaz, esse homem saltou lá no meio da sala: “O senhor está querendo me levar no deboche?” “Deboche, não! O senhor foi quem disse que a família Câmara é uma só. Então, se ele é Câmara, é nosso parente. Eu vou ao diretor do IPPS pedir dois policiais, o rapaz vai algemado, se for o caso da segurança, mas eu só vou se for com ele”. Olhe desde quando eu guardo essa matéria, desde 1987. A coisa pior do mundo, é você ser amante da verdade. Agora a mamãe já tinha me prevenido: “Meu filho, você não vai se dar bem, em ser amante da verdade, ponha na cabeça, as verdades são como as estrelas, nem todas podem ser contadas”. Bote lá, Douvina, na galeria de honra, esse meu parente, coitadinho, essas alturas, coitado, ele já deve ter sido morto pelos colegas ou pela própria polícia.

Platini Fernandes - Seu Christiano, nos anos 60 mais ou menos, o senhor abriu aqui a casa ao público?

CHRISTIANO EM SUA
RESIDÊNCIA NA RUA DA
ESCADINHA, 162, NOS ANOS
80. ACERVO PARTICULAR



Christiano Câmara - Foi. Não, mas teve uma época que eu tive que me fechar um pouco, que foi na época dos militares, porque eu só não sofri repressão devido ao cargo que eu ocupava. Como é que o Exército ia se ocupar ou perder tempo com um contínuo de banco? Só porque tinha o sobrenome Câmara? Agora, mal sabiam eles que eu era sobrinho de Dom Hélder. Mas mesmo assim o Assis Bezerra, - porque tinham dois Assis Bezerra, um que era um general torturador e outro que era meu chefe lá no banco -, e ele disse: “Olha, Christiano, venha cá, você por uns tempos vai deixar de escrever e vai deixar de falar, porque você hoje mesmo só não saiu daqui algemado por minha causa”, o camarada foi bater lá para me levar algemado. Ah sim, aqui entrou um tenentinho prepotente, levou a segunda declaração de Havana, a instalação do comunismo em Cuba. Era um álbum, hoje está valendo uma fortuna, em termos históricos, álbum duplo com dois LP’s, o Fidel instalando o comunismo em Cuba, que beleza.

Platini Fernandes - Aí descobriram que o senhor tinha essa peça aqui?

Christiano Câmara - Não descobriram, não. Bom, já que nós estamos aqui em família, posso falar franco, tem um ditado popular que diz o seguinte: “Passarinho que muito

canta, caga no ninho”. Então, quando eu vi o fulano muito garganta, eu calculei comigo, no primeiro arrocho que derem nesse camarada ele vai entregar todo mundo. Não deu outra! Até a mim ele entregou. E não tinha nada a ver, era só para ver se não apanhava mais aqui na 10^a região. Mas o que me salvou é que o tenentezinho prepotente que já estava para me levar, o caminhão cheio de cabra algemado, pois bem, quando eu fui tirar do lugar, aí estava lá o Papa João XXIII, estava lá os discursos do Kennedy, Churchill, estava tudo lá, como tem ainda, só está faltando esse de Fidel, uma preciosidade. Deixa isso para lá. Eu devia estar branco, porque eu sou frouxo. Quando eu vi a lista eu pensei, “meu Deus, vou apanhar até a gata miar, meu Deus, não apanhei quando era pequeno, vou apanhar depois de velho, um pai de família!”, isso é triste, um negócio desse. Ele viu que eu já devia estar morto de apreensivo e disse: “Bote aí seu nome e seu endereço”. Agora eu não sei aonde foi que eu arranjei força, perguntei: “Como foi que o senhor chegou aqui?” Também não deu a mínima.

Platini Fernandes - Levou a peça?

Christiano Câmara - Levou, um álbum duplo, ainda hoje eu ando atrás disso, se você souber por aí, o Fidel, é a Se-

CHRISTIANO CÂMARA
CONCEDENDO ENTREVISTA
AO MUSEU DA IMAGEM E DO
SOM DO CEARÁ, EM 2010.
ACERVO DO MIS/CE



gunda Declaração de Havana, um álbum duplo. Você via isso em cinema e não acreditava que pudesse haver, depois certas pessoas que andavam aqui em casa e tudo, se tornaram agentes deles, fazendo o papel da figura do agente provocador.

Platini Fernandes - Seu Cristiano, quem é o colecionador e quem é o pesquisador, qual a diferença que o senhor faria? O senhor tem uma coleção, mas necessariamente o senhor é um colecionador ou o senhor é um pesquisador?

Christiano Câmara - Não, eu não tenho coleção, porque faltam os discos tais, tais, tais. O grande problema que eu vejo é essa ausência do estudo sociológico.

Platini Fernandes - O que faz o pesquisador?

Christiano Câmara - É quando tem algo mais além, uma visão geral. Porque normalmente o pesquisador se cinge muito a um determinado campo ou determinado assunto, quando na realidade as músicas abordadas, elas tem temas riquíssimos. No começo da década de 1940, que as fábricas começaram a instituir tíquetes de trem para os operários não chegarem atrasados, eles não deixavam de ir por falta de dinheiro, tinha o tíquete e tudo. Aí fizeram uma música sobre isso:

“Patrão, o trem atrasou
Por isso estou chegando agora
Eu trago aqui um memorando da Central
O trem atrasou, meia hora
O senhor não tem razão pra me mandar embora!

Senhor tem a paciência
É preciso compreender
Sempre fui obediente
Reconheço o meu dever
Um atraso é muito justo
Quando há explicação
Sou um chefe de família
Preciso ganhar meu pão
E eu tenho razão”

O bom era a imposição no final, como quem diz eu tenho razão, o argumento está findo.

Platini Fernandes - Então, o cotidiano todo da época estava retratado em música.

Christiano Câmara - Exatamente. Por que? Porque a

música em si não dava dinheiro. Isso quando ele não vendia para outro, porque quando ele vendia, recebia logo o dinheiro. E o pior não é isso, às vezes o vendedor era mais safado do que o comprador, ele pensava que aquela música não ia dar dinheiro, porque o comprador de música, ele faz exatamente o inverso do falsificador. O falsificador, de qualquer coisa, de cédulas, de quadros, ele, partindo do original, lança mão de todos os recursos para não se poder dizer que ele copiou *ipsis litteris* ali do original e tudo mais. O comprador de música, ele compra aquilo ali e se intitula o dono, quando aquilo não dá certo, o vendedor fica caladinho, tem só aquele dinheirinho que vendeu. É um safado de marca maior, ele quer passar por vítima, mas ele é bandido também, vai vender aquilo que ele chama de “filha da inspiração”, que diabo de filha é essa que você vende com tanta facilidade?

Platini Fernandes - Então, o senhor para pesquisar, para se tornar um estudioso sobre música popular brasileira, sobre cinema, sobre História do Brasil em geral, porque a História do Brasil é perpassada pela música, a coleção é uma resposta a isso? É o resultado desses estudos? Para estudar, precisou colecionar?

Christiano Câmara - Agora existe o colecionador,

por causa do descaso oficial, porque quem tinha obrigação de ter uma discoteca completa sobre todo e qualquer assunto, eram os órgãos oficiais, teria que ter a discoteca estadual, a discoteca municipal, como tem a biblioteca, não é? A hemeroteca também, o jornal também, só que a música é dinâmica, o jornal é estático. Outra coisa, a música, por ser dinâmica e por mexer com o sentimento, ela põe a visão da época, tem músicas curiosíssimas, mas o que me interessa é o cerne da coisa. Deram ao Chico para cantar e o Chico cantou como se fosse de fato uma traição danada. Douvina, vem cá! Porque a Douvina vive falando em negócio de direitos iguais, venha cá, Douvina, para você ver, sente aí. Graças a Deus, a época que você nasceu, o homem podia trair a mulher, a mulher não podia nem pensar, nem sonhar. Então, isso aí foi tratado em música, veja bem:

“Já passava das 11,
quando eu disse até logo,
durma bem amor, durma bem.
Meia hora depois
fui ao baile dançar,
ela estava também.
Quando me viu,

CHRISTIANO EM SUA
DISCOTECA, NOS ANOS 80.
ACERVO PARTICULAR



até mudou de cor
e foi assim que terminou o nosso amor”

Está vendo? Ele podia ir, ela não. Chega mudou de cor, está entendendo? Hoje um negócio desse é inconcebível, em vez de ver a época em que foi feita, fica querendo levar no de-boche. Ainda continua, não adianta, a última palavra sempre é do homem. Salvo engano, ou é do Nelson Ferreira ou é do Capiba, “a Júlia quando chora tem saudade do seu bem”, não é, “se a Júlia soubesse amar como eu, não chorava, nem se lastimava”. Agora, tem um termo próprio do pernambucano, não é, “se fizesse o que eu faço, vinha para rua para cair no passo” - o passo é a dança do frevo. Foi um sucesso danado, no carnaval de 1938. Agora interessante é que há uma verdadeira galeria, um verdadeiro desfile de nomes. Dolores... E só se fala em Amélia...

Platini Fernandes - O senhor diz de mulheres retratadas nas músicas?

Christiano Câmara - Sim, sim, só se fala na Amélia, mas nas outras não falam, por exemplo, fulano super apaixonado pela Dolores e pôs em música:

“Foi ela o maior dos meus amores
Ai ai, ai, ai, Dolores!
Razão do meu prazer, de minhas dores
Ai ai, ai, ai, Dolores!
Eu com ela tive espinhos, tive flores
Ai ai, ai, ai, Dolores!
Dei o meu olhar a Beatriz
Dei o meu sorriso a Leonor
Com nenhuma delas fui feliz
Por nenhuma delas tive amor
Porque existe alguém
Que é o maior dos meus amores
Ai ai, ai, ai, Dolores!”

Aí só se fala na Amélia ou na Marina morena Marina, não é? Agora, interessante os costumes, em 1943, devido à guerra, os costumes começaram a mudar, porque os pracinhas que iam, que estavam lá fora e viam outros costumes mais avançados, de países mais desenvolvidos, traziam para cá. Mas mesmo assim, ainda ficava arraigado aquele machismo tradicional. O homem usava uma trunfinha, o penteado dele tinha uma trunfinha aqui de lado e tudo, ora não deu outra, virou música:

DOUVINA E CHRISTIANO
NO "CANTINHO DOS
NETOS", NOS ANOS 90.
ACERVO PARTICULAR



“Muda o penteado Adalberto,
porque cabelo alto não dá certo,
cabelo grande na mulher é natural,
mas no homem é mal sinal.
Tome o pente, tome o pente,
penteie seu cabelo igual a gente.
Ó Adalberto esse topete,
eu acho que lhe compromete”

Impressionante, está tudo lá retratado em música. Você ouve alguém em dois minutos e pouco, que é a duração de um disco antigo, ele contava toda uma situação. Tem também uma que se retratava o costume de São João, acho que é até do Lupicínio Rodrigues, era o costume de deixar o nome numa folha, não ia chover numa noite de São João, então o que amanhecesse mais orvalhado era o preferido. Os dois gostavam da mesma fulana, então os três entravam de comum acordo, aí os dois puseram o nome dela, cada um na sua folha, quando foi de manhã, aí ele canta, que beleza:

“Naquele dia,
levantei de madrugada,

Porque a noite passada
Eu não consegui dormir,
Rosinha disse que ia pôr num papelzinho
O meu nome e o do vizinho

Pra São João decidir
O que ficasse de manhã mais orvalhado
Ia ser seu namorado
Ia com ela casar

E eu tinha tanta confiança
Nesse santo
Que apostei um conto e tanto
Que era eu que ia ganhar”

Olha o desfecho:

“Sabem o que vi quando rompeu o dia?
Ouvi foguete que explodia,
Buscapé, bomba-rojão
Era o vizinho que já tinha triunfado
Festejando entusiasmado
O dia de São João

CHRISTIANO COM OS
NETOS GUSTAVO E
CHRISTIANO, NOS ANOS
90. ACERVO PARTICULAR



Então de noite,
Foi mais grossa a brincadeira
Acendeu-se uma fogueira
Todo mundo foi pular

Só eu chorando a traição
Daquele santo
Soluçava no meu canto
Vendo a lenha se queimar”

Olha, é uma poesia, isso é do Lupicínio, quer dizer, fez poesia sobre um acontecimento que ele viu ou contaram a ele, a diferença das composições daquela época para hoje é isso, não é nada demais, não é melhor, não é pior, era apenas o problema da autenticidade.

Douvina Câmara - Aquela música que eu acho linda, “reserva de pranto...”

Christiano Câmara - Mas aquilo é Davi Nasser, ele quis descrever o que era música brasileira e na primeira quadra ele disse tudo. Agora deu para quem, para a maior autoridade na época, em matéria de canto e isso antes do Chico começar a cantar mesmo, o que era o Brasil e tal...

Platini Fernandes - Composição do Davi Nasser, o Chico Alves gravou.

Christiano Câmara - “Vermelho 27” letra do Davi Nasser. Não sei se ele tinha nascido na Arábia ou era filho de árabe nascido aqui...

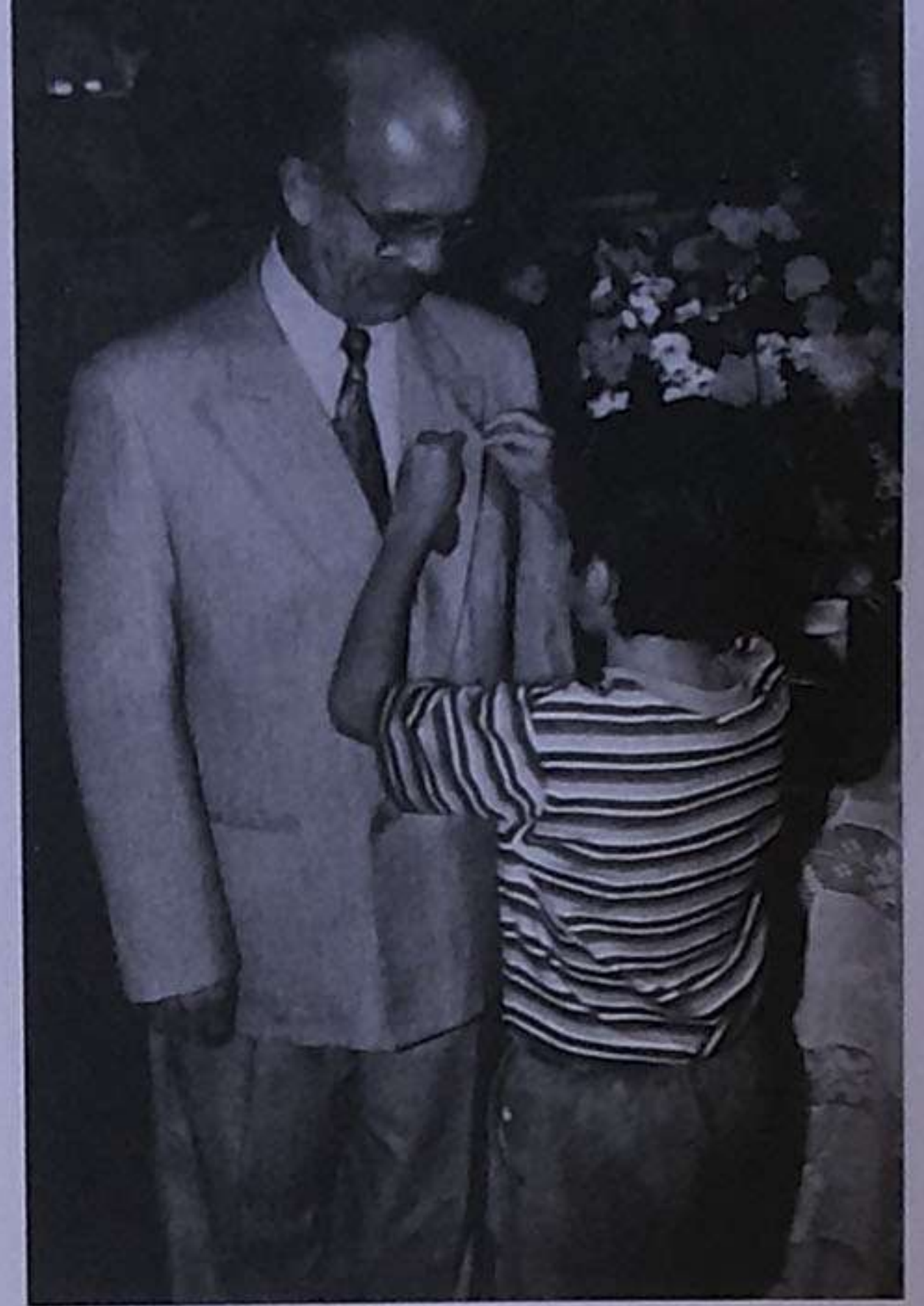
Platini Fernandes - Ele trabalhava no *Diários Associados*, não é?

Christiano Câmara - Reacionário que só, ele vivia à direita de Gengis Khan, descrevendo o Brasil, descreveu o índio, o negro e o português, que é exatamente a raça brasileira:

“As selvas te deram nas noites
seus ritmos bárbaros,
os negros trouxeram de longe
reservas de pranto,
os brancos falavam de amor
em suas canções
e dessa mistura de vozes
nasceu teu canto.”

“Canta Brasil”, “Brasil, tua voz enternecida...”, pelo

CHRISTIANO RECEBENDO
DAS MÃOS DO NETO
CHRISTIANO A MEDALHA
LAURO MAIA, EM 1996.
ACERVO PARTICULAR



amor de Deus. Aí fico eu constrangido, com pena da moçada de hoje, que não tem esse poder de síntese e nem podia ter, não é, rodeado dessa zoada toda, porque pelo amor de Deus, “reserva de pranto” porque eles já vinham da escravidão, “os brancos falaram de amor em suas canções” não é, “e dessa mistura de vozes nasceu teu canto”, aí fica Olavo Bilac, música brasileira, resumo de três saudades, é um negócio impressionante. Agora, tudo era feito espontaneamente, davam vida às coisas em si, o fulano olha pra lua, aí pede pra lua, que por favor não conte à ninguém o que ele está passando:

“Lua, lua branca,
companheira melancólica,
não contes a ninguém a minha história,
ontem quando a beijava
presa entre meus braços,
fui o mais feliz mortal
que o sol já aqueceu,
hoje que seus lábios
já pertencem a outro,
o mais infeliz mortal sou eu.
Trago claramente
dentro dos meus olhos,

a fase cor-de-rosa da minha ilusão,
jurei não mais revê-la,
não quero voltar a vê-la,
mas não posso suportar a solidão.”

Ele pedindo à lua para não contar a tristeza que ele estava passando rapaz. Agora isso, para ser cantada em coisinha, em musiquinha de dois minutos. Pois bem, então, eles registravam tudo em música, quando surgiu em 1936, quando o rádio começou a se estabelecer mesmo, então surgiram as músicas falando sobre aquela nova invenção que era o rádio. E tem uma delas, que é um primor rapaz, todas elas pegaram esse prefixo “PR”, fizeram uma marchinha no carnaval de 1937 que é “PR você”:

“Se o seu ouvido
Fosse um microfone
Ligado ao coração,
Eu lhe diria bem baixinho
Quero ser *speaker* dessa estação

Assinarei contrato
Para a vida inteira

Mas faço questão da exclusividade
Nossa estação assim será sempre a primeira
PR você
Rádio felicidade

Nosso programa será muito diferente
Pois eu não preciso de publicidade
e o nosso amor transmitirá eternamente
PR você
Rádio felicidade”

Agora você vê, era sempre a busca do amor, do religar. Eu que não professo religião nenhuma, e tenho lá minhas dúvidas em certas religiões hipócritas, o padre disse: “Olhe, você é o mais humano dos meus paroquianos”, eu disse: “Mas padre, eu não ando nem em igreja” Aí ele esteve me explicando: “Mas você sabe o por quê do nome religião? Porque é religar”, e isso aí era comum na época, era sempre atrás de religar, sempre atrás do elo partido, para reunir, é um negócio impressionante.

Platini Fernandes - Seu Cristiano, o seu acervo, o senhor está falando aqui sobre vários assuntos que se cru-

zam, uma palavra, ou um tema que a gente poderia assim definir o seu acervo? Porque quando a gente fala de música, quando a gente fala de teatro, de cinema, na verdade a gente está falando de cultura. O seu acervo é um acervo de História do Brasil, História da Cultura Brasileira, é isso? Tudo se cruza aqui, porque o senhor não tem só coleção de discos, são os artistas do rádio, são os objetos...

Christiano Câmara - É, mas uma coisa complementa a outra, não é? Porque tem discos aí que de tão bem-feitos, de tanto poder de síntese, equivalem a um livrinho.

Platini Fernandes - Não tem como separar as coisas, no fundo está tudo interligado, não é?

Christiano Câmara - Daí é que eu tenho pena do colecionador. Você já ouviu falar na expressão “burro olhando para palácio”? Pois é, o colecionador olhando para uma peça preciosa, não pela raridade da coisa em si, mas sem ver o conteúdo, só vendo mesmo a raridade da peça em si.

Platini Fernandes - Se completa uma série, é isso que acaba interessando, essa obsessão do colecionador, não é?

Odilon Camargo - Eu acho que o senhor está em busca dessa síntese. Nos últimos dez, quinze anos, costuma-se

CHRISTIANO E NETOS,
NA "SALA FRANCISCO
ALVES" DA CASA DE
CULTURA CHRISTIANO
CÂMARA, EM 1997.
ACERVO PARTICULAR



dizer: "Ah, o Platini é multimídia, faz isso, escreve, filma e tal", o Christiano é o pré-multimídia, porque quando foram inventar isso, multimídia, que faz mil coisas, Christiano já fazia cinema, vídeo, rádio, música erudita, popular, já era multimídia antes de existir o conceito, e todo o lado social e político que há atrás disso, quer dizer, tem aquela frase: "antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil já havia descoberto a felicidade..."

Christiano Câmara - Agora interessante é que esses anos todinhos, desde quando foi publicado o primeiro livro sobre música e tudo, nunca fizeram uma análise sociológica de nada, são simples juntadores de raridades, quando um analisa uma coisa é sempre capenga, só de um jeito.

Platini Fernandes - Então, o senhor parte da canção para estudar, para ir atrás do contexto?

Christiano Câmara - É, para entender inclusive se há conceito ou preconceito dentro da coisa.

Platini Fernandes - Porque o senhor compreende a cultura brasileira, a História do Brasil. O Odilon estava falando agora essa coisa do multimídia, que o senhor junta todas essas facetas, mas se tem uma coisa aqui que é uníssona

é o período, o senhor trabalha com o período mais ou menos delimitado, é o início do século XX, não é?

Christiano Câmara - É, mas é o período que foi até onde a música refletia os costumes, a partir da década de 60, aí veio a doideira, sabe como é? É fazer zoada, é tudo levar no deboche. Eu ouvi uma música, a coisa mais trágica do mundo, a forma batendo cabeça com o conteúdo, não pode, não pode fazer um negócio desses, porque a forma tem que se casar com o conteúdo, se o conteúdo é de brincadeira, a forma tem que ser jocosa, se o conteúdo é de coisa séria, a forma tem que ser séria. Parece que é um libelo contra a Guerra do Vietnã, agora dito da maneira mais debochada do mundo, "era um garoto, que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones...", no maior deboche, aí tiraram as brincadeiras que ele costumava brincar, para dar um instrumento que só fazia "tá-rá-tá-tá-tá", que era a metralhadora, para tirar a vida de seus semelhantes. Você quer tema mais trágico do que isso, mas sério do que isso, mas levado no deboche! Essa história de levar coisa triste no deboche, isso não existe, rapaz. O inglês quis nos repassar um humor negro, o humor inglês, coisa nenhuma, rapaz! Coisa nenhuma, você quer ver uma prova? Está aqui uma reunião, todo mundo alegre e tudo, tomando sua cervejinha e tal, o ambiente fica logo carregado se um

camarada meter a mão aqui, está incomodando e puxar uma baita de uma arma, botar em cima da mesa, aí já fica todo mundo sobressaltado, o ambiente já não é mais o mesmo. Então, meu amigo, vamos ser ao menos lógicos, se isso não existe na vida real, para que retratar em música?

Platini Fernandes - Então, a partir dos anos 1960 não tem mais essa forma?

Christiano Câmara - Não, tem filmes notáveis, mas a partir dos anos 1960, tem que ter alguma forma de esculhambação pelo meio, já que o filme é moderno, o filme não pode ser normal, a partir dos anos 1960, tem que chocar em alguma coisa, seja numa escatologia, seja numa indecência, seja numa violência, seja o que for, mesmo que seja artificial, que não caiba no contexto, é impressionante. Tem filmes aqui que eu próprio montei, aquela parte que estava fora eu tirei, ficou uma beleza, se o autor vir, vai me processar.

Platini Fernandes - Mas o senhor criou filmes com pedaços diferentes?

Christiano Câmara - Não, não, eu editei o filme, só tirei a parte que não cabia.

Odilon Camargo - Agora é bom deixar claro nessa questão que você coloca aí com o Christiano, não foi ele que só foi até aqui, foi a História que só foi até ali. Essa questão vem muito com a invasão cultural norte americana, pós segunda grande guerra, encostaram o trator e empurraram, na década de 60, foi a transição. Você ainda tem, se for pesquisar a fundo, você encontra alguma coisa boa ainda, com resquícios da década de 40, 50, lá para 1968, mas uma ou outra, porque transição é transição, não vai da noite pro dia, tem um processo histórico grande não é, eu estava pensando nisso outro dia, "ah, o Christiano vai até 1950 e pouco, mas não é o Christiano, é a História, quando ele percebeu o desvio falou, não, vou só até aqui, nessa rota eu não vou".

Christiano Câmara - É, exatamente, perder tempo, não é... Agora, o grande problema que eu vejo é que o ser humano continua sendo fabricado do mesmo jeito, quando um bebê nasce, ele nasce com um ser a vir-a-ser, ele não nasce bom, nem nasce ruim, ele pode vir com certas taras inerentes, que jamais aflorarão se não houver ambiente, está entendendo? Mas o problema é que a sociedade que torna você um monstro, conforme o ambiente. Meu tio, o Dom Hélder Câmara, o velho era bom rapaz, uma meia dúzia de universitários da UNE, super esquerdista e tudo o mais, o presi-

CHRISTIANO EM
SEU JARDIM, NOS
ANOS 90. ACERVO
PARTICULAR



dente convidou exatamente para ver se amenizava um pouco aquele radicalismo e ele sempre foi de esquerda, mas aí antes dele entrar na UNE, já tinha meia dúzia de universitários: “Dom Hélder, é o seguinte, nós vamos assistir sua palestra, mas nós queremos que o senhor saiba de antemão que nós não acreditamos em Deus” É isso que eu não tenho dele, rapaz, essa rapidez de raciocínio, eu penso, às vezes, para dar uma resposta. Ele disse: “Não tem problema, meu filho, o importante é que ele acredite em vocês”, o velho era bom demais, em cima da bucha!

Platini Fernandes - A questão da sua escrita no jornal, nos anos 70, os discos que o senhor analisava e os artigos, o senhor fazia as críticas, comentários sobre os discos, já eram discos da sua coleção ou ganhava esses discos?

Christiano Câmara - Não, eu ganhava. Alguns eu não comentava porque não valia a pena.

Platini Fernandes - Mas era uma gravadora que dava uma cópia, oferecia?

Christiano Câmara - Era, era, elas próprias me davam liberdade: “Está aqui, Câmara, você analisa o que você acha que merece”, aí vinha da França, era até uma senhora

pesquisadora.

Platini Fernandes - Eu queria saber, o senhor pensa sobre o futuro desse acervo, o que é que gostaria que fosse feito, alertar mais as autoridades, porque saber que existe já há 40 anos aqui, não é que ninguém saiba que isso aqui exista.

Christiano Câmara - O problema é que as autoridades estão naquela de não fazer marola pra canoa não virar. O problema é que cada vez que eu abro a boca sai faísca, parece até que eu sou um recalcado, o que eu ganho dá bem para mim. Eu não faço isso por dinheiro, o problema é o seguinte, eu já morri e não me enterraram, porque a sociedade atual não comporta mais o idealista, aquele que não vise o dinheiro, é um negócio impressionante.

Platini Fernandes - Então, o senhor está atrasado nesse sentido, está todo mundo nessa do argentarismo, do mercado da cultura e o senhor não está nessa?

Christiano Câmara - Tem aquele pensamento, não é, na sociedade argentária, o dinheiro é o sexto sentido sem o qual os outros cinco não funcionam e é um fato. Aí outro dia eu tive pensando, como é que um órgão oficial vai querer os



CHRISTIANO NA "SALA FRANCISCO ALVES" DA CASA DE CULTURA CHRISTIANO CÂMARA, NOS ANOS 90. ACERVO PARTICULAR

meus préstimos, se ele próprio vai ser o primeiro alvo das minhas críticas?

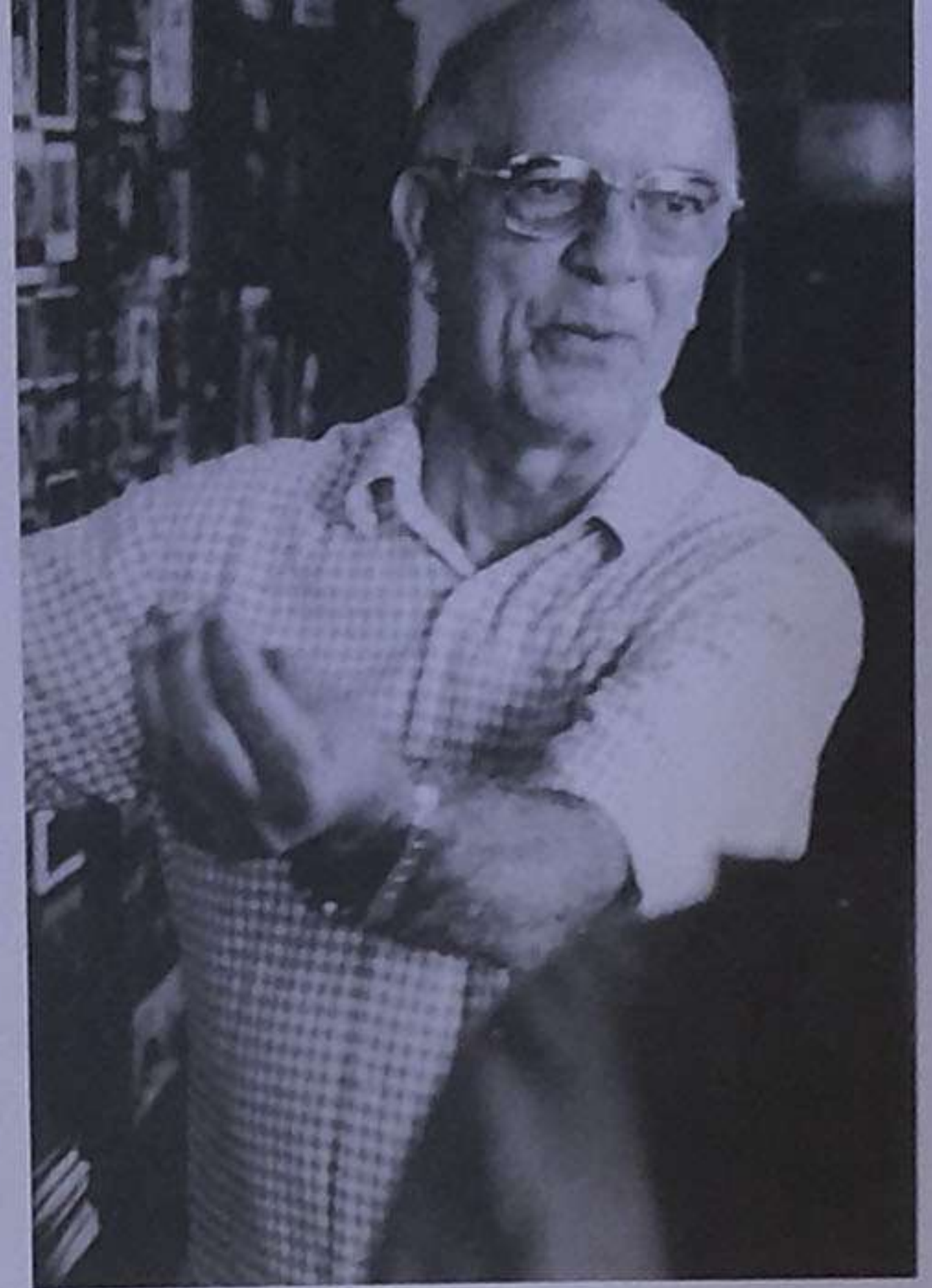
Platini Fernandes - É uma luta já de 40 anos...

Christiano Câmara - O problema é que eu nasci num ambiente rodeado de cultura e minha mãe, coitada, na melhor das intenções, me botou num ambiente péssimo, argentário, arranhou um emprego para que eu subisse, para que eu tivesse a ambição de subir, felizmente não me botou como lavador de latrinas, se não eu teria me aposentado como tal, mas me botou como contínuo de banco, aí uns 30 anos depois eu me aposentei, sabe como o quê? Em vez de chefe de seção? Como contínuo do banco, eu não tinha ambição nenhuma, a minha ambição é ter mais e mais conhecimento. Você para viver numa sociedade dessa, se você vai procurar alguma coisa, você tem que entrar naquele esquema. Muda governador, muda presidente, muda não sei o quê e a miséria é a mesma, o rico cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre. Quer dizer, não há resultado. Eles que tanto exigem resultado, não há resultado. Quando eu vejo alguém oficial, do poder oficial entrar aqui, eu digo: "Vixe, rapaz, veio atrás de alguma coisa, depois vai prometer mil e uma coisas, quando der as costas e descer o portão ali, se esquece até quem é Christiano", estou

saturado disso. Daí eu ter parado de dar aquelas palestras no Centro Cultural Banco do Nordeste, se fosse aqui, trouxesse a turma aqui, no meu ambiente, onde eu poderia inclusive dar os exemplos e tudo era outra coisa, mas eles não, tem que fazer do jeito que eles querem, eles não sabem fazer como Ariano Suassuna fez lá no Recife, que valorizou os mini-centros culturais, cada qual no seu lugar, não, é a centralização da cultura, você pode prestar atenção, aqui tem que ter a centralização da cultura, você tem que obedecer.

Odilon Camargo - Christiano, essa colocação aí sobre o capitalismo, teve até quem já falou que a gente estava na última etapa do capitalismo selvagem, que entrando o século XXI essa coisa ia explodir. Houve uma transição final do século XIX, onde a gente encontrou Marx e Bakunim, os dois até se desentenderam um pouco, mas toda teoria perfeitamente colocada, o senhor fala que nasce uma criança e caminha para formar o ser e vir-a-ser e tal. Quantos anos o senhor acha que essa coisa chamada capitalismo que já apodreceu há muito tempo, todo mundo sabe disso, vamos ver, o profeta Christiano Câmara, quanto tempo isso aí dura mais, que já acabou com a gente, aliás, o morto aqui não é o senhor, acho que isso aí é ironia do Christiano, o senhor sabe muito

CHRISTIANO CÂMARA
EM FOTO DO FILME "RUA
DA ESCADINHA 162",
DO CINEASTA MÁRCIO
CÂMARA, EM 2003.
ACERVO PARTICULAR



bem que o cemitério é grande, é o cemitério da globalização, é a morte do pensamento no mundo inteiro. Então, quantos anos mais, Christiano?

Christiano Câmara - Não, não sei não... Mas quando em 1848 eles publicaram o manifesto e tudo, a coisa já estava apodrecida. Agora quem chamou a atenção disso foi um chefe, vamos dizer não é, não posso chamar nem de colega, porque colega se ele fosse contínuo também, ele era chefe da tesouraria, José Clinton. José Clinton disse: "Você só tem um defeito, é que quando você fala, você obriga a gente a pensar", esse camarada pensa que me fez uma crítica, fez foi um elogio. Quer dizer, eu não estou dizendo o que ele quer ouvir, estou dizendo o que ele precisa ouvir, e o que ele precisa ouvir, choca um pouco, não é?

Platini Fernandes - Christiano, você é comunista ou não? Você tem uma ideologia assim fechada, ou comunismo ou socialismo, ou já teve alguma simpatia por isso...

Christiano Câmara - A humanidade, se ela não for urgente para o comunismo, ela já está se autodestruindo. Ela veio do comunismo primitivo e tal, e então chegou a barbárie. Tenho plena consciência, toda noite eu estou sentado ali, com a cadeira ali na calçada com a Douvina, batendo papo,

eu digo: "Douvina, você está plenamente consciente de que pode passar um doidão aí de carro, que pode atirar na minha cabeça ou na sua", como já aconteceu aqui em Fortaleza, um filhinho de papai por brincadeira, "queimado" e tudo, foi lá e fez isso. Então, por quê? Porque não há, aquilo é só a combinação de uma coisa que já existe, de uma mentalidade que já existe. A coisa ficou invertida, o que é importante é o ser humano em si, o escalonamento que se fez na sociedade é um negócio sério. Eu fui dar um abraço, senti que ele ficou meio chocado, fui conversar com ele, dei a ajuda a ele, a um desses catadores de rua. Ele ficou em choque, "Mas o senhor, falando comigo?", eu digo: "Meu filho, eu sou igual a você, rapaz, só não estou no seu lugar porque fui bem-nascido". Aliás, a maioria dos meus amigos, amigos entre aspas, dizem: "Eu não gosto de sair com você, não, você fala com todo mundo", tem pessoas que você não pode falar. Agora eu me lembro, tinha um outro aqui, um vizinho meu que disse: "Seu Christiano, o senhor sempre aparece na televisão, o senhor não era para está falando com todo mundo", quer dizer, esses que aparecem em televisão praticam isso.

Platini Fernandes - E o senhor tem esperanças que isso mude, essa situação?

Christiano Câmara - O econômico é que determina tudo.

Platini Fernandes - Então, esse tempo todo, desde que o senhor abriu a casa ao público, todo mundo pode vir, liga, marca?

Christiano Câmara - Não, às vezes, nem marca, não. Chega aqui e quanto mais pobre for, melhor eu atendo. Agora bom foi o telefonema que eu recebi duma dondoca, por sinal, ricona, - eu aprendi com Douvina a citar o pecado, sem citar o pecador -, rapaz era “gentona” mesmo, mãe aí de um desses rotulados: “Eu sou fulana de tal, preciso das gravações tais e tais, olha, antes eu quero saber qual é o preço”, aí eu disse: “Minha senhora, acho que a senhora telefonou errado, isto aqui não é bodega”. Nunca mais telefonou. E o pior é que o que ela queria eu tinha...

Platini Fernandes - Quer dizer, mas só a forma de chegar...

Christiano Câmara - Mas é claro, e foi logo concluindo “Mas eu quero saber de antemão qual é o preço”.

Platini Fernandes - Se tivesse chegado direitinho o

senhor tinha feito até de graça, não é?

Christiano Câmara - Tinha, não precisava ela dizer que era isso e aquilo outro.

Platini Fernandes - O tipo de público que frequenta sua casa aqui, Seu Christiano, tem uma média, ou todo tipo de gente?

Christiano Câmara - Vem muito é universitário. Agora eu noto é uma coisa interessante, é que eles já vêm com a cabeça feita pela Rede Globo.

Platini Fernandes - Esse pessoal que vem para cá com o conceito fechado, chega aqui e vê esse mundo que o senhor preserva, o conhecimento que o senhor tem, o senhor acha que consegue mudar alguma coisa nas cabeças das pessoas que vêm aqui? Consegue quebrar esses conceitinhos pré-formados ou não?

Christiano Câmara - Daí eu não ser chamado para palestras nem para nada, porque eles querem que eu vá falar o que eles querem ouvir e não o que precisam ouvir, está entendendo?

Platini Fernandes - Até mesmo para comemorar os



grandes eventos, não é?

Christiano Câmara - Eu já ouvi foi da boca de um professor, que eu só não fui embora na hora porque já estava a classe todinha, os alunos lá e eu já ia começar a falar, aí disse: “Ah, o senhor é que é o homem do contra”, quer dizer, ele é que deveria me apoiar, porque eu só iria questionar. Nós tínhamos antigamente, antes da eletricidade, os chamados “burros da Light” você chegou a ver ou não? Pois é, os “burros da Light”, que tinham uma viseira aqui, para eles não olharem de lado e só verem o trilho que ia puxando o burro. E interessante é que isso em música, o artista vê bem mais adiante. Há muitos anos, não sei se foi Moacir Franco, que gravou uma música: “Não posso parar, se paro eu penso, se penso eu choro”.

Platini Fernandes - Algum desses colecionadores de raridades, quis colocar preço ou na coleção ou numa pilha de discos, alguma coisa, comprar mesmo seu acervo, adquirir o seu acervo pro Estado ou pra prefeitura, alguém já fez uma proposta dessas?

Christiano Câmara - Não, mas mesmo assim, mesmo que fizesse isso, eu jamais faria, porque eu já sei quem é que vai tomar conta, e depois os futuros colecionadores vão lá ti-

rando as peças, como a maioria das peças que aqui tem, foram tiradas também de outros que vieram me vender. O governo não leva a sério, o problema também é o ensino mecânico da História, sem fazer com que o interlocutor pense.

Platini Fernandes - Isso é proposital então, o senhor acha, esse controle do discurso da memória, ou de não se falar em memória, não se falar em passado?

Christiano Câmara - Não, mas falar em memória, sem perceber que estão repetindo os mesmos erros, sem o discurso crítico. O interessante é que no mínimo contato que você tenha com os seus, vamos dizer assim, os conterrâneos, você nota a subserviência ao sul maravilha. Por exemplo, eu gravo uma amostra do que era o Carlos Galhardo, ele era chamado Galhardo porque ele cantava de uma maneira galharda, Catello Carlos Guagliardi. Aí fui criar um título para aquele CD, está entendendo? O que vem do sul maravilha, qualquer subtítulo eles aqui respeitam, mas quando eu crio, eles desrespeitam, eles não aceitam criação daqui, eu gravei as coisas do Carlos Galhardo e botei “A galhardia do Carlos”, quer dizer, um título criativo e tudo, e dentro do que era não é, aí o fulano que financiou a coisa, tirou e botou “Carlos Galhardo”.

Platini Fernandes - Então, tem gravadoras que vêm atrás desse seu material aqui também?

Christiano Câmara - Não, eu digo aqui, o fulano aqui que me pediu um CD, se o CD vier com outras músicas daquele cantor e tudo, o título que derem lá, eles aqui repetem, quando forem duplicar o disco, mas eu dando um título criativo, eles não repetem o meu título.

Platini Fernandes - Mas já chegaram a procurar, alguma gravadora, atrás de algum material aqui?

Christiano Câmara - Não, não, mesmo porque eles estão fazendo uma coisa criminosa, que é repassando um som que nunca existiu, que é aquele som remasterizado, som sem agudo. É impressionante, eu já mostrei tudo, já tive a oportunidade de mostrar o que é que eles fazem, eles matam inclusive a presença, porque eles criaram o tabu do chiado, porque o disco é de 1895, de 1895 a 1948, quantos anos são?

Odilon Camargo - 53 anos.

Christiano Câmara - Durante mais de meio século, o brasileiro ouvia disco com aquele chiadinho, de repente, quando surgiu o LP, ele já não tolera mais aquilo, mesmo que

isso mate a presença do músico. O fato é o seguinte, o que eles apontavam aí, é porque nós seguíamos o modelo do sul maravilha, nós seguimos, a coisa só fez se aperfeiçoar em matéria de dominação.

Platini Fernandes - Mas continua ainda?

Christiano Câmara - Continua. No tempo em que aquele baiano era vivo, uma vez eu fui chegando ao portão, ele estava todo assombrado, eu disse: "O que é baiano?" "Rapaz, essa coisa horrível que está acontecendo lá em São Paulo, raptaram uma moça" "Aonde é isso?" "Em São Paulo, veja aí na televisão", - ele estava sofrendo o drama de São Paulo -, eu digo "Baiano, nesse exato momento estão roubando moças aqui do subúrbio, estão estuprando moças aqui no nosso subúrbio. Vá ver quem são, baiano, deixe sua emoção pro seu vizinho, deixa o paulista sofrer com esse problema aí, vamos sofrer com outro" mas isso aí não entendem. Por isso é que eu acho ridículo as rodas que se fazem, "não, eu acho", quando o camarada diz "eu acho" eu digo: "Pronto, lá se vem a Rede Globo, ele acha o que a Rede Globo achou naquele momento".

Platini Fernandes - O senhor tem alguma conclusão a fazer, mais alguma coisa, pra gente encerrar aqui a entre-

vista, que acha que faltou?

Christiano Câmara - Não, só o seguinte: Num coletivo, o motorista tinha brigado com o patrão, negócio de aumento, era um problema de horário, que o patrão queria mais horário e ele saiu feito um louco com esse ônibus, dirigindo feito um louco, fazia cada curva, que era um negócio impressionante. O ônibus só faltava ficar em duas rodas e cada coisa que ele fazia, um bêbado lá atrás dizia: “Piu, piu”. Então, no terceiro “piu”, o vizinho dele disse: “Rapaz, pelo amor de Deus, todo mundo aqui super apreensivo, porque nessa marcha que vai, o ônibus vai virar e vai morrer muita gente”, “É isso mesmo, estou fazendo isso para quando acharem meu cadáver, não dizerem que morreu e não deu nem um piu”. Então, eu sou o bêbado que está dando o “piu”, é só isso, porque na marcha que vai não pode dar boa coisa, não é?

Platini Fernandes - Seu Christiano, muito obrigado, pelo Museu da Imagem e do Som, agradeço sua entrevista.

Christiano Câmara - Agora você vê que eu não perco o humor, eu vou pro inferno sorrindo, perder o humor por quê, rapaz?

Odilon Camargo - No epitáfio lá do Quintino Cunha tem algo relacionado com Deus, “O Padre Eterno, segundo

refere-se a história sagrada, tirou o mundo do nada e eu nada tirei do mundo”. Então, o epitáfio do Christiano Câmara será “Aquele que deu o piu”.

Christiano Câmara - Ora, o bêbado estava prevendo era logo tudo, rapaz. Agora o bom era ele dizendo pra nós.

NA “SALA FRANCISCO ALVES”,
CHRISTIANO CÂMARA CONCEDE
ENTREVISTA AO MUSEU DA IMAGEM
E DO SOM DO CEARÁ, EM 2009.
ACERVO DO MIS/CE.

